

JOGOS COOPERATIVOS COMO INCLUSÃO SOCIAL NA ESCOLA.

Deleusis Mari Marques Ferreira

RESUMO

O enfoque desse projeto foi estudar a inclusão social através dos jogos cooperativos, já que educação física ainda hoje reforça muito a competição transformando numa construção social de exclusão que sutilmente acaba afastando os menos capazes levando a serem meros espectadores e que acaba priorizando os mais habilidosos, excluindo os menos adeptos que participam das atividades somente de corpo presente. Para tanto, foi elaborada uma revisão de literatura sobre os elementos teóricos envolvidos e posteriormente fazer um estudo com os alunos a fim de que eles reflitam criticamente sobre os valores que existam por trás da competição e fazê-los vivenciar formas de jogo onde os valores recaiam mais sobre a interação, o companheirismo e a cooperatividade.

ABSTRACT

The approach of this project studied the social inclusion through the cooperative plays, already which physical education still today the competition reinforces very much turning into a social construction of exclusion that subtly finishes removing the least able getting a beating being mere audience and what finishes prioritizing the most skilled, excluding fewer followers than participate of the activities only of present body. For so much, a revision of literature was prepared on the theoretical wrapped elements and subsequently to do a study with the pupils so that they think critically about the values that exist behind the competition and to make them survive the forms of play where the values fall back more on the interaction, the companionship and the cooper.

Palavras-chave

Inclusão social, jogos cooperativos, competição.

1 INTRODUÇÃO

As escolas devem acolher a todas as crianças independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais e outras. Já que as diferenças humanas existem seria necessário adaptar a aprendizagem dada ao aluno, desenvolvendo uma pedagogia capaz de educar com êxito a todas as crianças, já que as diferenças humanas são naturais. A educação física não pode ficar indiferente ou neutra em face de este movimento de Educação Inclusiva. Esta disciplina pode constituir como um adjuvante ou um obstáculo a que a escola seja mais inclusiva. A cultura desportiva e competitiva dominante nas propostas curriculares cria um obstáculo adicional à inclusão dos alunos que são a partida, encarada como menos capazes para um bom desempenho numa competição. Esta cultura competitiva constitui uma fonte de exclusão.

Uma nova cultura, a dos jogos cooperativos, poderia surgir pela confrontação e pelo enfrentamento crítico da cultura dos jogos competitivos. A ideia não é acabar com o esporte na escola, mas sim, somar a possibilidade de modificar a forma didática. Pois a proposta de atividades que estejam voltadas às ações cooperativas pode tornar-se um diferencial para a transformação qualitativa do ambiente de ensino, favorecendo, inclusive, a integração professor-aluno-comunidade. Temos então que refletir de que maneira a inserção de elementos cooperativos propostos nas manifestações lúdicas poderia representar esse diferencial, na perspectiva de contribuir na transição qualitativa dos alunos no contexto escolar.

Nesse sentido então, devemos incluir os jogos cooperativos como conteúdos nas aulas de educação física para criar uma consciência grupal onde cada um com sua competência irá conseguir ajudar a todos a alcançar o objetivo previsto, sem ter a ideia que se deve ganhar sempre.

A partir daí se estruturou um estudo, que visou observar os alunos da 5ª série A, nas aulas de educação física, em relação à possibilidade de novas atitudes frente aos jogos competitivos, jogos cooperativos e a convivência com os próprios colegas.

2 DESENVOLVIMENTO

Segundo a declaração de Salamanca

O princípio fundamental da escola inclusiva é de que todas as crianças deveriam aprender juntas, independentemente de quaisquer dificuldades ou de diferenças que possam ter. As escolas inclusivas devem reconhecer e responder às diversas necessidades de seus alunos, acomodando tanto estilos como ritmos diferentes de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade a todos através de currículo apropriado, modificação organizacional, estratégias de ensino, uso de recursos e parcerias com a comunidade (...). Dentro das escolas inclusivas, as crianças com necessidades educacionais especiais deveriam receber qualquer apoio extra que possa precisar, para que se lhes assegure uma educação efetiva (...). (DICIONÁRIO, 2007)

O conceito de “necessidades educacionais especiais” foi ampliado pela declaração de Salamanca, que passou a incluir, além das crianças portadoras de deficiências, aquelas que apresentam dificuldades temporárias ou permanentes na escola, as que estejam repetindo os anos escolares, as que trabalham, as que vivem em condições extremas de pobreza, as que estão fora da escola, por qualquer motivo que seja.

Temos então que sustentar uma discussão em torno da legitimação da inclusão, como uma possibilidade de mudanças de paradigma em torno do fazer do professor de educação física, pois é provável que muitos professores não se importem com a exclusão que a prática de atividades esportivas determina, transformando essas aulas em um espaço reservado aos mais habilidosos, com bom desempenho físico/motor/esportivo, em vez de ser um espaço de convivência, da integração social, de sentir e viver o corpo. O professor não deveria dedicar-se apenas a um pequeno grupo de alunos, preparando-os apenas para disputas de jogos competitivos.

A educação física deve ser inclusiva, não podendo aceitar que os professores sejam agentes de exclusão, pois os excluídos são geralmente os mais fracos ao que se refere ao desempenho e são os que mais precisam da ação do professor.

Como afirma Kunz (2004, p. 125)

O esporte ensinado das escolas como cópia irrefletida do esporte de competição ou de rendimento só pode fomentar vivências de sucesso para uma minoria e o fracasso ou vivência de insucesso para a grande maioria (...) para crianças e jovens em um contexto escolar, é, no mínimo, uma irresponsabilidade pedagógica por parte de um profissional formado para ser professor.

O professor deve ser atuante, planejar e estruturar sua aula, para que haja participação de todos os alunos, que ele se sinta pertencente e protagonista em seu grupo social, pois a sensação de sermos incluídos, lembrados e aceitos, nos proporciona um sentimento de auto-estima.

Mas, ao se criar um ambiente competitivo, poderá promover a comparação entre as pessoas e acabar por favorecer a exclusão.

As Diretrizes Curriculares Estaduais (DCE) estabelecem que seja fundamental que o professor de educação física situe qual é a real contribuição da técnica ao longo do processo formativo, tendo a clareza de que seu uso poderá promover tanto a liberdade quanto a coisificação, sendo essa uma decisão preta de relevância e de intencionalidade. Se, ao contrário, desprovermos o ensino desse tipo de reflexão poderá estar sendo coniventes com a perpetuação de uma educação que prioriza a instrumentalização e a promoção de indivíduos que só se inspiram ao manipular compulsivamente, desde objetos até pessoas. E, assim, colaboremos para formar homens que se tornem coisas, do mesmo modo como percebem os outros também como coisas, já que esse culto à técnica provoca a dissolução de nossa capacidade de relacionar-se com o outro, o que inviabiliza qualquer experiência formativa.

Então, o caminho a perseguir é de uma modificação no contexto do esporte, uma recriação no seu sentido e significado, uma alteração no seu papel social. O esporte competição tem sim, espaço na escola, a intenção é que o professor tenha compromisso com a inclusão de cada um dos seus alunos e não priorize o esporte de rendimento ou sempre privilegie os melhores.

O que falta é uma nova postura de educador para afastar todo e qualquer tipo de exclusão, a fim de que promovamos a inclusão em nossas aulas de educação física. Como uma pedagogia lúdica.

De acordo com Marcellino (2003, p.80).

Através de uma pedagogia lúdica, a Educação Física tem maior possibilidade de atender as necessidades de seus educandos, uma vez que estando esses desprovidos da necessidade de competir, de se firmar em posições de destaque vivenciam um comportamento que os leva a se colocarem de maneira “natural” de frente as proposta que o professor apresenta, agindo assim com “naturalidade”.

Quanto mais prazerosas forem as atividades, melhores serão os resultados que seus praticantes obterão. Nesse sentido a atividade física tem uma enorme gama de práticas corporais que trazem consigo os elementos da ludicidade.

Os Jogos Cooperativos é uma dessas práticas que surgiu da preocupação excessiva da valorização da competição. Claro que a cooperação/competição devem fazer parte da vida, desde que no jogo o “vencer” não seja a única coisa que importa, que não interessam os meios que se usam, reforçando a cultura competitiva que nos cerca.

Ao contrário, se mostrarmos que a pessoa é mais importante que o jogo, estaremos fazendo nossa parte, tentando tornar o mundo um lugar melhor.

Reinaldo Soler (2006, p 110) define os Jogos Cooperativos como

Jogos onde os participantes jogam com os outros, ao invés de uns contra os outros. Joga-se para superar desafios. Os jogos cooperativos são jogos de compartilhar, unir pessoas, despertar a coragem para assumir riscos, geram pouca preocupação com o fracasso ou com o sucesso como fins em si mesmo. Eles reforçam a confiança mútua e todos podem participar autenticamente. Ganhar e perder são apenas referências para o contínuo aperfeiçoamento pessoal e coletivo.

Muitos jogos podem ser adaptados, simplesmente eliminando a ênfase na competição e no vencedor, e por isso, necessita-se da colaboração de cada um dos participantes. Cooperar é diferente de competir, porque na cooperação se requer que trabalhemos juntos para que possamos atingir nossos objetivos. Ao invés de repetir esquemas de ganhadores e perdedores.

Não temos a intenção de opor um ao outro, ao contrário, visa ampliar nossa percepção sobre as dimensões que o jogo e o esporte nos oferecem como campo de vivência humana, pois existem alternativas para jogar além das formas de competição.

De acordo com Soller (2003, p. 46)

Educação Física não pode servir para separar, não podemos mais compactuar com pessoas que, a título de formar atletas, dividem, separam e excluem todos os que são diferentes, lembrando que esses são os que mais precisam do professor e da atividade proposta.

Assim a Educação Física Escolar pode utilizar-se de uma nova proposta que visa os jogos cooperativos como abordagem pedagógica, que pode ser trabalhada pelos professores de educação física para uma maior inclusão no decorrer de suas aulas. Então, seu principal objetivo seria para que os alunos vivenciassem situações coletivas cooperativas e a reconhecessem como relevantes para a sua vida dentro e fora da escola e que essas atividades cooperativas trouxessem resultados significativos nas aulas de educação física e assim pudessem ser adequadas aos conteúdos abordados pelo professor.

A implementação foi proposta a uma turma de quinta série do Colégio Estadual Jorge Queiroz Netto no município de Piraí do Sul, nos Estado do Paraná, contando com a participação de 41 alunos, com idades entre dez e catorze anos.

Essa série foi escolhida considerando-se que os alunos nesse período poderiam apresentar pensamento mais flexível e ter uma capacidade de perceber o outro como pessoa possuidora de pensamentos e vontades diferentes dos seus, com implicações relevantes para o processo de socialização.

No primeiro momento houve um diálogo com os alunos com o objetivo de investigar o pensamento deles sobre “a necessidade de vencer a todo custo na vida” ou se era mais interessante à cooperação entre as pessoas para que estas alcançassem os seus objetivos, também foi proposto uma pesquisa em sua casa para saber como seus pais agiam para conseguir realizar as suas metas de vida.

Posteriormente foi exibido o filme “Cocoricó-cooperação e atitude”. Foram apresentados dois episódios: Briga e Cooperação.

Após a exibição dessas duas séries e com a pesquisa feita pelos alunos, houve um debate sobre o tema “Cooperação” e como se pode incluir a cooperação nas aulas de educação física evitando assim os efeitos negativos da competição sobre à auto-estima de cada um, estimulando o sentimento de aceitação,

promovendo a participação de todos e eliminando a exclusão de alguns alunos das aulas.

A atividade proposta a partir daí foi à elaboração de cartazes referentes ao assunto que foram apresentados em um mural na sala de aula.

Como atividades nas aulas práticas foram incluídos jogos de caráter cooperativo como:

CAIU NA REDE, É AMIGO:

Material: Nenhum.

Disposição: Todos a vontade, destaca-se um para começar, sendo o “pegador”.

Desenvolvimento: Dado o sinal de início, o jogador sorteado para começar o jogo corre em perseguição a todos os outros. O que for apanhado deverá dar-lhe a mão e, assim, unidos, partirão á conquista de outro.

Os novos amigos incorporar-se-ão ao grupo dos perseguidores, unindo as mãos em fileira, que será a rede. Correrão assim em perseguição aos que estiverem dispersos.

Os fugitivos tentarão escapar. O jogo termina quando se formar uma grande rede com todos os jogadores.

Objetivos:

- incentivar o trabalho em equipe.
- desenvolver hábitos e habilidades de trabalho em grupo.
- desenvolver habilidades motoras, tais como, andar, correr e desviar.

BOLA AO AR:

Material: Uma bola leve.

Disposição: Todos em pé, formando um grande círculo.

Desenvolvimento: Uma pessoa inicia o jogo dentro do círculo, segurando uma bola. Ela deverá lançar a bola para o alto ao mesmo tempo em que chama o nome de alguém que está no círculo, e volta para o círculo. Quem foi chamado deverá entrar no círculo e segurar a bola antes que caia no chão, e lançar a bola novamente, dizendo outro nome. O jogo continua até que todos tenham sido apresentados.

Objetivos:

- conhecer o grupo.
- observar a observação e atenção.
- descontrair o grupo.

FUTPAR:

Material: Uma grande bola colorida.

Disposição: Dois grupos formados com os participantes de mãos dadas, só os goleiros sem par.

Desenvolvimento: os pares não podem soltar as mãos, o restante das regras permanece igual.

Variações:

- Todos do mesmo grupo devem tocar na bola antes de fazer o gol.
- A dupla que marcar o gol passa para o outro grupo.
- Um dos participantes da dupla, de olhos fechado sendo guiado pelo outro.

Objetivos:

- adquirir hábitos saudáveis de relações interpessoais.
- incentivar o espírito de grupo.
- desenvolver habilidades motoras, tais como: andar, correr, girar, flexionar e saltar.

BASQUETE COOPERATIVO:

Material: Uma bola de basquete.

Disposição: Dois grupos com o mesmo número de participantes numa quadra de basquete.

Desenvolvimento: Começamos com o jogo convencional, depois aos poucos vamos incorporando elementos cooperativos, tais como:

Todos passam: A bola deve ser passada entre todos os jogadores do grupo antes de ser arremessada à cesta.

Todos fazem a cesta: O grupo só atingirá o objetivo se todos os participantes de um mesmo grupo fizerem cesta durante o jogo.

Passé misto: A bola deve ser passada alternadamente, entre homens e mulheres.

Cesta mista: Uma hora vale cesta de mulher, outra só de homem.

Objetivos:

- incentivar o espírito de equipe.
- desenvolver habilidades motoras, tais como: correr, girar, lançar e receber.

TÊNIS DE MESA COOPERATIVO:

Espaço necessário: Sala ampla, pátio ou quadra.

Material: Mesa de jogo tênis de mesa e raquetes.

Disposição: No início do jogo, todos os participantes formam duplas. Com o passar do tempo o facilitador vai incorporando mais pessoas às equipes, cada uma com uma raquete nas mãos.

Desenvolvimento: O jogo começa de forma tradicional e vai sendo transformado com a inclusão de várias pessoas de cada lado da mesa. O objetivo é que cada um toque uma vez na bolinha e evite que ela caia fora da mesa. Outro objetivo será manter a

bolinha o maior tempo possível sem cair fora da mesa, contando com os participantes dos dois lados da mesa para isso.

Objetivos:

- estimular a cooperação.
- reforçar o trabalho em equipe.
- desenvolver habilidades motoras básicas.

No final as atividades práticas foram analisadas e os alunos responderam que gostaram, pois consistia de jogos diferentes, que era importante o envolvimento de todos para conseguirem jogar e que os jogos foram assimilados rapidamente sem muitas explicações só precisando ser vivenciadas por eles.

Ao longo do desenvolvimento das atividades, por meio de diálogo, buscou-se explicar que os vínculos de amizade criados devem se basear no respeito às diferenças. Buscando, ainda, estabelecer novas regras para que os alunos se organizassem e todos pudessem participar igualmente.

3 CONCLUSÃO

A minha intenção com este trabalho é abrir portas para futuras oportunidades de perseguir a busca do conhecimento, com o decorrer dos estudos pude ver que minhas atitudes frente aos jogos foram mais competitivos do que cooperativos.

Haverá sempre o que aprimorar e aprender, o problema de inclusão ainda nos perseguirá, temos que a cada momento contribuir um pouco no processo da inclusão.

Quando comecei a trabalho de implementação na escola, percebi que a maioria dos alunos apresentou mudanças significativas após a aplicação dos Jogos Cooperativos. No início houve certa resistência em aceitá-los, porém, com o decorrer de sua aplicação os alunos foram aceitando de forma natural. As respostas aos questionamentos, expostas ao final do processo, demonstraram que houve um entendimento sobre os princípios dos Jogos Cooperativos.

É sabedor que a competição nunca deixará de existir, mas os jogos cooperativos podem contribuir como instrumento importantíssimo na formação do cidadão, pois além de não competirem com tudo, esses jogos ajudam a desenvolver o respeito e a união entre todos. Quando jogamos de forma unida, com o intuito de ajudar, passamos a viver melhor em sociedade.

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAPARROZ, F. E. **Entre a educação física na escola e a educação física da escola**: a educação física como componente curricular. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

DICIONÁRIO INTERATIVO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA. **Declaração de Salamanca**. Disponível em: < <http://www.educabrasil.com.br/eb/dic/dicionario.asp?id=109> > Acesso em: 15 jul. 2007.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 6. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2004.

FERREIRA, M. E. C.; GUIMARÃES, M. **Educação inclusiva**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MARCELLINO, N. C. **Lúdico, educação e educação física**. 2. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.

MARINHO, H. R. B. et al. **Pedagogia do movimento**: universo lúdico e psicomotricidade. Curitiba: Ibplex, 2007.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares** da Educação Fundamental da Rede de Educação Básica do Estado do Paraná.

SOLER, R. **Educação física**: uma abordagem cooperativa. Rio de Janeiro: Sprint, 2006.

_____. **Jogos cooperativos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2006.

_____. **Jogos cooperativos para educação infantil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2006.

VIEIRA, J. L. L. **Educação física e esportes**: estudos e proposições. Maringá: Eduem, 2004.